
EDITORIAL

O cientista público e a ciência para a sociedade*

Desde o nascimento do raciocínio humano existe o desejo, em cada indivíduo, de compreender o mundo que o cerca, ou pelo menos parte dele, seja no seu aspecto físico, metafísico, religioso, social ou psicológico. Alguns até se dedicam profissionalmente à busca desta compreensão.

Se nessa busca o indivíduo utiliza o método científico de investigação, ele é chamado de cientista. Dentre eles, podemos identificar duas categorias: a dos cientistas públicos e a dos privados, dependendo se são pagos pela iniciativa privada ou por órgãos públicos.

Em geral, a iniciativa privada restringe os objetivos do cientista àqueles que interessam à empresa. Isto não o impede de, algumas vezes, dar umas “escapadelas” para pesquisar assuntos que saciem exclusivamente a sua curiosidade. Na verdade, algumas empresas com visão de longo prazo, como o complexo Bell de telefonia nos Estados Unidos, até estimulam essas escapadelas e chegam a manter um programa sólido de pesquisa básica, ou seja, aquela que não tem aplicação imediata no dia a dia da sociedade, mas que a terá futuramente, quando forem encontradas aplicações para esses conhecimentos.

Diferente do cientista privado, a maioria dos cientistas públicos tem liberdade de decidir o que deseja pesquisar. As limitações são mais em função dos recursos financeiros e técnicos que eles conseguem dispor para suas pesquisas. As instituições públicas têm interesses muito mais amplos e diversificados que os de uma empresa privada, pois as suas pesquisas visam a melhoria das condições de vida da sociedade e não apenas a venda de alguns produtos ou serviços, daí a razão principal da liberdade do pesquisador público. Até mesmo dentro de uma única instituição pública há espaço para se pesquisar sobre muita coisa, tão variados são os interesses da sociedade. Mas, deve-se ter sempre em mente que é ela quem paga a conta, ou melhor, os salários do pesquisador e os financiamentos da pesquisa.

Se a ciência desenvolvida nos órgãos de pesquisa públicos é mantida pela sociedade e se a liberdade de trabalho do cientista público se deve à diversidade dos interesses sociais, é redundante dizer que, aliado a esta liberdade, existe o compromisso de retorno social do fruto desse trabalho. Esse retorno pode vir de muitas maneiras e em diferentes escalas de tempo. Na pesquisa aplicada os benefícios podem ser mais

*Retirado do INPE - Notícias, ano 3 - nº 10, mai/jun 1997.

explícitos e imediatos, mas a pesquisa básica, feita com seriedade, contribui para uma melhor compreensão do mundo, estimula o desenvolvimento tecnológico e pode, com isso, trazer retornos sociais e econômicos inesperados. Por exemplo, apesar de parecer sem sentido alguém ficar estudando a explosão das estrelas ou o que acontece no centro de nossa galáxia, é graças a essa pesquisa básica que algum dia poderemos talvez descobrir como aproveitar outras formas de energia, como construir veículos que nos transportem com muito maior rapidez e segurança ou, ainda, como manter a vida na Terra. O caso das ondas de rádio e televisão é marcante; quem iria supor, no século passado, que as pesquisas básicas em ondas eletromagnéticas iriam ser aplicadas um dia para o bem estar e diversão da maioria da população?

Além de trabalhar com excelência dentro de sua área de pesquisa, o cientista público deve ainda, a meu ver, interagir mais diretamente com a sociedade, satisfazendo-a na sua curiosidade básica de entender o mundo que a cerca. Neste caso, a divulgação científica para o público leigo não é um favor, mas uma obrigação. Poucos cientistas públicos se dão conta da importância de divulgar a ciência de modo mais amplo, seja por meio da imprensa, ou atendendo as pessoas que lhe pedem explicações.

Odylio Denys de Aguiar
Chefe da Divisão de Astrofísica do INPE
Coordenador da parte brasileira do Projeto OMNI,
para detecção das ondas gravitacionais.